

Sêneca

Sobre a brevidade da vida
Sobre a firmeza do sábio

diálogos

Tradução e notas de
JOSÉ EDUARDO S. LOHNER



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Penguin-Companhia das Letras
Copyright da tradução e das notas © 2017 by José Eduardo S. Lohner

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULOS ORIGINAIS
De Brevitate Vitae e
De Constantia Sapientis

PREPARAÇÃO
Cláudia Cantarin

REVISÃO
Ana Maria Barbosa
Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sêneca, ca. 4a.C.-65.

Sobre a brevidade da vida. Sobre a firmeza do sábio :
Diálogos / Sêneca ; tradução José Eduardo S. Lohner. — 1ª ed.
— São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

Títulos originais: *De Brevitate Vitae e De Constantia Sapientis*.

ISBN 978-85-8285-050-3

I. Ética I. Título.

17-03641

CDD-170

Índice para catálogo sistemático:
I. Ética : Filosofia 170

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

SOBRE A BREVIDADE DA VIDA	7
SOBRE A FIRMEZA DO SÁBIO	37
<i>Notas</i>	63
<i>Bibliografia</i>	77

Sobre a brevidade da vida

A PAULINO

- 1 I A maior parte dos mortais, Paulino, queixa-se da malignidade da natureza, porque somos gerados para uma curta existência, porque esse espaço de tempo que nos é dado transcorre tão veloz, tão rápido, que, com exceção de bem poucos, os demais a vida os deixa exatamente nos preparativos para a vida. E não é, conforme opinam, só a massa de insensatos que deplorou esse mal comum: esse sentimento provocou queixas também de homens ilustres. Daí aquela conhecida frase do maior dos médicos: “A vida
- 2 é breve, a arte é longa”. Daí também o questionamento de Aristóteles, nada conveniente para um homem sábio, quando protesta contra a natureza pelo fato de ela ter concedido aos animais uma vida tão longa que eles podem durar cinco ou dez gerações, e ao homem, criado para tantas e importantes realizações, ter estabelecido um
- 3 limite tão inferior. Não dispomos de pouco tempo, mas desperdiçamos muito. A vida é longa o bastante e nos foi generosamente concedida para a execução de ações as mais importantes, caso toda ela seja bem aplicada. Porém, quando se dilui no luxo e na preguiça, quando não é despendida em nada de bom, somente então, compelidos pela necessidade derradeira, aquela que não havíamos
- 4 percebido passar, sentimos que já passou. É assim que acontece: não recebemos uma vida breve, mas a fazemos; dela não somos carentes, mas pródigos. Tal como amplos

e magníficos recursos, quando vêm para um mau detentor, são dissipados num instante, ao passo que, por mais modestos que sejam, se entregues a um bom guardião, crescem pelo uso que se faz deles, assim também a nossa existência é bastante extensa para quem dela bem dispõe.

- 1 2 Por que nos queixamos da natureza? Ela se revelou benigna: a vida será longa se souberes utilizá-la. No entanto, um é dominado por uma avareza insaciável, outro, por um empenho laborioso em tarefas inúteis; um vive impregnado de vinho, outro se entorpece na preguiça; este se vê esgotado por uma ambição sempre dependente de julgamentos alheios; aquele, um desejo irrefreável de comerciar o conduz por todas as terras e todos os mares na esperança de lucro; a cobiça de feitos militares atormenta alguns, sempre empenhados em levar perigo a outros ou inquietos pelo próprio. Há os que, por voluntária servidão, se consomem na veneração ingrata
- 2 de seus superiores. Muitos se detiveram na busca da sorte alheia ou na lamentação da sua; a grande maioria, que nada persegue ao certo, foi lançada a novos projetos por sua frivolidade volúvel, inconstante e descontente consigo mesma; a alguns não agrada nenhuma meta para a qual possam direcionar seu percurso, mas o destino os surpreende entorpecidos e bocejantes, de tal modo que eu não duvidaria ser verdadeiro o que no maior dos poetas vem afirmado à maneira de um oráculo: “É diminuta a parte da vida que vivemos”. Realmente, todo o período restante
- 3 não é vida, e sim tempo. Por todo lado suas imperfeições os encaçam e circundam e não permitem que se reergam ou que levantem os olhos para discernir a verdade, mas os retêm submersos e fixados nos desejos. Nunca lhes é possível voltar-se para si mesmos. Se alguma vez lhes advém casualmente algum repouso, agitam-se, tal como em alto-mar, onde mesmo depois dos ventos subsiste a turbulência,
- 4 e jamais se veem desocupados de seus desejos. Achas que eu falo desses cujos males são incontestáveis? Olha aqueles

para cuja felicidade todos acorrem: são sufocados pelos próprios bens. Para quantos as riquezas são opressivas! Quanto a eloquência de muitos e o encargo cotidiano de dar prova de seu engenho fazem verter sangue! Quantos empalidecem por seus prazeres contínuos! A quantos não deixou nenhuma liberdade o bando de clientes que os rodeia! Enfim, percorre todos esses, desde os mais humildes até os mais elevados: este invoca um defensor, aquele lhe presta assistência, um está em perigo, outro o defende, um outro o julga, ninguém reivindica ter a posse de si mesmo, um se consome por causa de outro. Informa-te sobre esses cujos nomes se conservam na memória; verás que eles são reconhecíveis pelas seguintes características: aquele é ligado a sicrano, este outro, a beltrano; ninguém pertence a si próprio. Então é uma insensatez completa a indignação de alguns: eles se queixam do menosprezo dos que lhes são superiores porque não tiveram tempo para eles quando desejavam encontrá-los! Ousa queixar-se da soberba do outro alguém que para si mesmo nunca tem tempo? Aquele, porém, mesmo com expressão insolente, olhou para ti, quem quer que sejas, ouviu tuas palavras, admitiu-te a seu lado: tu jamais te dignaste a te observar e a te ouvir. Assim, não há razão para que censurem em alguém essas obrigações, posto que, na verdade, sempre que tu as cumprias, não é que desejavas estar com a outra pessoa, mas não podias estar contigo mesmo.

3 É possível que todos os talentos que alguma vez brilharam nisto concordem unânimes: nunca ficarão estupefatos o bastante diante dessa turvação das mentes humanas. Não toleram que suas propriedades sejam ocupadas por ninguém e, se há uma pequena disputa sobre a medida de seus limites, recorrem a pedras e armas; já em suas vidas consentem que outros se instalem, e até mesmo introduzem eles próprios os que vão ser os possesores dela. Não se encontra ninguém que queira repartir seu dinheiro; já sua vida, quanto cada um a distribui entre muitos! São

mesquinhos na retenção do patrimônio; mas, tão logo se trate de gastar tempo, são extremamente pródigos com a única coisa em relação à qual a avareza é honrosa. Eu gostaria de abordar uma pessoa dentre as mais idosas da seguinte maneira: “Vemos que tu chegaste a um estágio avançado da vida humana, pesam-te nas costas cem anos ou mais. Vamos, faz o cômputo de tua existência: calcula quanto desse tempo um credor, quanto uma amante, quanto um rei, quanto um cliente te subtraiu, quanto uma desavença conjugal, quanto o castigo dos escravos, quanto o obrigatório ir e vir pela cidade; acrescenta as doenças que nos causamos por nós mesmos, acrescenta também o tempo que se perdeu sem uso: verás que tu tens bem menos anos do que enumeras. Repassa na memória, sempre que estiveste seguro de uma decisão tua, quão poucos dias decorreram tal como havias planejado, em que momento estiveste disponível para ti, quando tua face manteve expressão normal, quando tua alma se manteve impassível, que obra realizaste em uma vida tão longa, quantas pessoas saquearam tua vida sem que tu percebesse o que perdia, quanto te subtraiu uma tristeza inútil, uma alegria tola, uma cupidez voraz, uma conversa fútil, quão pouco te foi deixado do que era teu. Compreenderás que estavas morrendo prematuramente”.

Qual é então a causa disso? Viveis como se sempre haveis de viver, nunca vos ocorreu vossa fragilidade, não observais quanto tempo já transcorreu. Desperdiçais como se de uma fonte plena e abundante, quando, nesse ínterim, exatamente aquele dia que é doado a uma pessoa ou a uma tarefa talvez seja o último. Tendes medo de tudo como mortais, desejais tudo como imortais. Tu vais ouvir muitos dizendo assim: “A partir dos cinquenta anos vou me retirar, aos sessenta me liberarei de minhas obrigações”. E quem tomas como fiador de uma vida tão longa? Quem irá aceitar que as coisas se passem tal como dispões? Não te envergonha reservar para ti essas sobras de vida e destinar ao

aprimoramento da alma apenas esse tempo que não poderias empregar em mais nada? Quanto é tardio começar a viver só quando é hora de terminar! Que estúpido esquecimento da condição mortal adiar para os cinquenta e os sessenta anos as decisões sensatas, e então querer começar a vida num ponto até o qual poucos chegaram!

1 4 De homens os mais poderosos e elevados a uma alta posição verás escaparem palavras pelas quais desejam e louvam o tempo disponível para si mesmos, e o preferem a todos os demais bens. Por vezes desejam descer daquele fausto, desde que se possa fazê-lo em segurança. De fato, mesmo que nada a ataque ou abale, a fortuna por si mesma desmorona sobre si.

2 O divino Augusto, que os deuses elevaram mais do que a nenhum outro, não deixou de solicitar repouso para si e de pedir afastamento da administração pública. Toda conversa sua sempre esteve voltada para este ponto: que ele esperava retirar-se. Porém, ele se distraía de suas fadigas com este doce consolo, mesmo que falso: o de que
3 um dia haveria de viver para si. Em uma carta enviada ao Senado, na qual prometera que seu repouso não estaria livre de uma função dignitária, nem seria discrepante de sua glória anterior, encontrei as seguintes palavras: “Mas isso pode ser mais ilusoriamente prometido do que realizado. No entanto, posto que a alegria real ainda demora, o desejo de um momento por mim tão almejado levou-me a experimentar de antemão algo desse prazer
4 pelo deleite de expressá-lo em palavras”. O ócio pareceu-lhe um bem tão grande que ele o tomou antecipadamente em pensamento, posto que pelo usufruto não podia. Ele que via todas as coisas subordinadas exclusivamente a si, ele que ditava a sorte de homens e nações, com toda alegria imaginava aquele dia em que haveria de despojar-se de sua grandeza. Ele havia experimentado quanto suor
5 produziam aqueles bens que brilhavam por todo o mundo, quantas preocupações encobriam: levado a combater

primeiro contra seus concidadãos, depois contra seus colegas, por fim, contra parentes, espalhou sangue por mar e por terra. Depois de ter circulado em guerra pelas províncias da Macedônia, Sicília, Egito, Síria, Ásia Menor e por quase todas as regiões do Império, ele direcionou para guerras externas os exércitos cansados do morticínio entre romanos. Enquanto pacifica os Alpes e doma inimigos que vieram a se integrar à plena paz imperial, enquanto estende as fronteiras além do Reno, do Eufrates e do Danúbio, na própria Roma afiavam-se contra ele as espadas de Murena, 6 Cepião, Lépido, Egnácio e de outros. Não havia ainda escapado das insídias desses opositores quando sua filha e tantos jovens nobres, entregues ao adultério como que a uma prática devocional, aterrorizavam sua idade já avançada, e ainda Iulo e de novo uma mulher em temível união com um Antônio. Mal havia extirpado essas úlceras junto com os próprios membros, outras brotavam por baixo; tal como em um corpo com excesso de sangue, sofria-se sempre uma hemorragia em alguma parte. Assim, ele ansiava por retiro, em cuja esperança e projeção se acalmavam os seus sofrimentos. Esse era o voto daquele que podia satisfazer todos os votos.

1 5 Marco Cícero, fustigado entre Catilinas e Clódios, de um lado, e Pompeus e Crassos, de outro, aqueles, inimigos declarados, estes, amigos duvidosos, enquanto balança à deriva com a República e tenta detê-la em seu naufrágio, para no fim ser tragado com ela, nem tranquilo na prosperidade, nem capaz de tolerar as adversidades, quantas vezes não abomina até aquele seu consulado, 2 louvado por ele não sem motivo, mas sem limites! Que palavras lamentáveis ele exprime em uma epístola a Ático, depois de já derrotado Pompeu, o pai, quando então o filho procurava recompor na Hispânia suas forças dispersas! “Queres saber”, diz ele, “o que faço aqui? Permaneço semilivre em minha vila de Túsculo.” Outras palavras acrescenta, com as quais deplora a época anterior, queixa-se

3 da presente e desespera da que virá. Cícero se diz semilivre: mas, por deus, nunca um sábio recorrerá a um termo tão humilhante, nunca será semilivre uma pessoa de liberdade íntegra e sólida, independente, de pleno direito e mais elevada que as outras. Ora, o que pode estar acima daquele que está acima da fortuna?

1 6 Lívio Druso, homem atuante e enérgico, depois de fazer aprovar leis revolucionárias, malélicas como as dos Gracos, sob apoio maciço de enorme grupo vindo de toda a Itália, sem ver claramente uma saída para sua política, que nem podia fazer avançar, nem, uma vez iniciada, era livre para abandonar, segundo se conta, execrava sua vida desde o início agitada, dizendo que só a ele nunca havia acontecido de ter alguns dias de descanso, nem mesmo quando rapaz. De fato, ainda adolescente e vestindo a pretexta, ousava fazer recomendações sobre réus diante dos juízes e exercer sua influência no foro, de modo realmente tão eficaz que há notícia de ele ter ganhado algumas
2 causas. Onde não iria dar tão prematura ambição? Era possível saber que essa audácia tão precoce resultaria em um mal enorme, fosse privado ou público. Assim, tarde ele se queixava de nunca ter tido férias, sendo desde rapaz sedicioso e molesto no foro. Discute-se se ele causou a própria morte; de fato, sucumbiu depois de repentinamente sofrer um ferimento na virilha. Se duvidavam alguns de ter sido voluntária sua morte, ninguém, de ter sido oportuna.

3 Seria supérfluo mencionar muitas pessoas que, apesar de para os outros parecerem felicíssimas, deram contra si testemunho exato ao odiar toda atividade que emprenderam em seus anos. Mas, com tais lamentos, não modificaram nem os outros, nem a si próprias, pois seus sentimentos retornam ao padrão habitual logo depois de descarregados pelas palavras.

4 Mas, por deus, vossa vida, ainda que se estenda por mais de mil anos, estará confinada em um período muito estreito: já os vícios não deixarão de devorar época alguma.

De fato, é forçoso que logo vos escape esse espaço de tempo que é dilatado por via da razão, ainda que por natureza ele corra. Realmente não podeis apanhar nem reter ou retardar a mais veloz de todas as coisas, contudo permitis que ela se vá como algo supérfluo e renovável.

1 7 Ora, à frente de todos coloco aqueles que não têm tempo para nada, exceto para o vinho e os prazeres, pois ninguém tem ocupação mais torpe. Outros, mesmo quando dominados por uma imagem vã de glória, ao menos se equivocam faustosamente. Ainda que me enumeres homens avarentos ou iracundos, ou os que se obstinam em ódios injustos ou em guerras, todos esses erram com bastante virilidade: é desonrosa a degradação dos que se devotam ao
2 ventre e aos prazeres. Examina o tempo total dessas pessoas, olha quanto dele empregam em fazer cálculos, quanto em armar ciladas, quanto em rechar, quanto em adular, quanto em ser aduladas, quanto as ocupam os processos judiciais, seus e os dos outros, quanto os jantares, que já se incluem entre seus deveres: verás como nem seus males, nem seus bens não lhes permitem tempo nem de respirar.

3 Enfim, é consenso que nenhuma atividade pode ser bem exercida por um homem ocupado, nem eloquência, nem estudos liberais, dado que seu espírito sobrecarregado não absorve nada de modo mais profundo, mas rejeita tudo como se lhe tivesse sido imposto. Nada é menos peculiar do homem ocupado do que viver. Não há coisa mais difícil de saber do que viver. São comuns e numerosos os que professam outros conhecimentos, alguns dos quais até mesmo crianças parecem ter tão perfeitamente aprendido que também podem ensinar. É preciso durante toda a vida aprender a viver e, o que talvez cause maior admiração,
4 é preciso durante toda a vida aprender a morrer. Muitos homens, dos mais importantes, tendo se desvencilhado de todos os seus entraves, posto que haviam renunciado a riquezas, cargos, prazeres, até o fim de seus dias trataram apenas disto: de saber viver. E, no entanto, muitos deles